Mickey 17

Luiz Marques

27/03/2025

O sul-coreano Bong Joon Ho, depois do premiado *Parasita* com a Palma de Ouro e outras quatro estatuetas do Oscar, apresenta-nos agora a ficção científica *Mickey 17*. O filme aponta a exploração do trabalho em uma grande corporação, na qual um dedicado empregado participa de missões perigosas e, em caso de morte, é reimprimido com o mesmo corpo e memória sucessivas vezes. Ele é o típico funcionário padrão, sempre disposto a qualquer empreitada. A reimpressão recende um processo de precarização do trabalho e as indefectíveis terceirizações do mundo contemporâneo.

A trama baseia-se no romance homônimo (*Mickey 17*, Editora Minotauro), de Edward Ashton, com dois personagens centrais: (a) o operário Mickey (Robert Pattinson), no automático até que uma falha no mecanismo de produção cria um duplo seu, o *Mickey 18*, e ele sente a possibilidade real de extinção sem direito à volta e; (b) o empresário Kennet Marshall (Mark Ruffalo), um excêntrico que suscita a imagem de políticos de baixo quilate, como Donald Trump e Javier Milei, e os "programas de despesas" que aludem aos ajustes fiscais ("austeridade") para cortar os investimentos sociais.

Para se adequar ao espírito do tempo, cimentado em muros que separam fronteiras nacionais para passar o sentimento de segurança, existe um terceiro personagem: os "invasores", representados por "bactérias" enormes. "O inimigo parece *croissant* mergulhado em merda". Palestinos identificarão o asco com Benjamin Netanyahu; brasileiros, com Jair Bolsonaro e a destruição do Estado de direito democrático em prol do regime de exceção. O refluxo gastroesofágico é idêntico. É preciso juntar as frases soltas em diálogos, no *grand écran*, para conseguir montar as peças do quebra-cabeças.

Do ponto de vista dos subalternos a serviço da megacorporação, o que acontece é obra "dos caras da ciência". "A humanidade não está pronta para essa tecnologia de multiplicação por impressoras". "Os múltiplos rejeitam a ordem natural – um corpo, uma alma". "Como usar para nosso benefício econômico a designação de 'dispensáveis'?" Numa cena, se exprime a vontade de um planeta da raça branca, associada a uma saudação caricata (nazista). Mas há algumas fissuras no sistema.

A sensação é de que, afora os raros que o Movimento *Occupy Wall Street* designa de 1% contra 99% da população, todos somos estepes de um “poder desconhecido”. Em troca, a rebeldia sugere a harmonização de brancos e pretos ao estilo da mestiçagem freyreana para celebrar a diversidade humana. Antes da engrenagem colonialista, “cada um vivia sua vida”. Quando os colonizadores chegaram, “minha vida inteira foi um interminável castigo”. O filme registra a consciência nascente de um processo de decolonização. “As bactérias talvez acabem gerando super-homens”; a saber, os indivíduos prescritos por Nietzsche para questionar os valores de rebanho, o conformismo político.

Bong Joon Ho, no *Parasita*, substitui a consciência pela inveja em uma sociedade com hierarquia rígida de classes. Já em *Mickey 17* a hierarquia deixa explícito o poder de vida e morte por parte de quem detém a soberania e controla os avanços tecnológicos (leia-se *Big Techs*). Neste contexto, a chance possível de uma vida autônoma está na formação de uma corrente de afeto entre os Mickeys descartáveis, na lógica sistêmica. A “abolição permanente das impressoras” (desalienação) é então anunciada por uma mulher negra, símbolo da resiliência dos oprimidos e explorados no Ocidente.

O filme é um libelo pela emancipação; ao mesmo tempo que desnuda a indiferença do grande capital diante do sofrimento dos comuns. O cinema mistura ficção e realidade, o material que a imaginação precisa para inventar a manhã em liberdade – com a coragem dos sobreviventes.

Luiz Marques *é docente de Ciência Política na UFRGS; ex-Secretário de Estado da Cultura no Rio Grande do Sul*.

Via Teoria e Debate

Compartilhe nas redes: